



DCO

QUINTA-FEIRA



Crime em Moscou

O assassinato de Dária Dúgina teria sido planejado por alguma agência internacional?

LEIA NA PÁGINA A2

Candidata ao governo
"Pela 1ª vez os revolucionários disputam eleições no Tocantins"



Carmen Hannud, candidata do PCO ao governo de Tocantins, concede entrevista exclusiva ao DCO após ser perseguida e demitida de seu emprego. - Foto: PCO

LEIA NA PÁGINA A4

Star Coffee
Nada de Starbucks nem McDonald's: Rússia nacionaliza sabotadores



Nacionalização do Starbucks e do McDonald's demonstra como é fácil expropriar empresas e entregá-las nas mãos dos trabalhadores. - Foto: AFP

LEIA NA PÁGINA B3

Roubo de bicicleta

Justiça quer impedir candidato indígena de disputar governo do MS

Para a procuradoria eleitoral do Mato Grosso do Sul, índio não pode concorrer, mas o candidato Riedel, latifundiário e organizador da pistolagem contra índios, pode

Redação da
Editoria de Política
DCO

Nesta semana, a Procuradoria Regional Eleitoral do estado do Mato Grosso do Sul, a PRE, ingressou com pedido de cassação da candidatura do único candidato indígena do Brasil a um governo de estado, o índio Guarani Magno Souza.

Segundo os argumentos da Justiça Eleitoral, a motivação seria uma condenação contra Magno por supostamente ter furtado uma bicicleta há dez anos atrás. Toda essa clara perseguição apesar de sua certidão criminal estar completamente limpa e de acordo com as regras eleitorais do próprio TSE. Essa tentativa de impugnação da

PRE do Mato Grosso do Sul é uma clara perseguição ao índio Magno Souza devido a sua candidatura para denunciar a situação dos indígenas no estado e das atrocidades cometidas pelo governo do Estado nas mãos de Reinaldo Azambuja, do PSDB, apoiado pela senadora e candidata a presidência pela terceira via Simone Tebet.

LEIA NA PÁGINA A3



Magno Souza durante o Congresso do PCO. – Foto: Reprodução

Lula está certo sobre teto de gastos: serve apenas aos banqueiros

Na última segunda-feira (22), o ex-presidente Lula, agora candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em uma entrevista à imprensa burguesa, criticou o teto de gastos. Segundo o petista, se trata de uma “coisa para garantir interesse do sistema financeiro e dos credores”.

“O governo sério sabe que não pode gastar mais do que tem. Se tiver que gastar, fazer dívida, tem

que ser para construir novos ativos que possam fazer o país crescer. Ele não pode fazer dívida para custeio, porque aí será sem fim [...] O governo que tem responsabilidade não precisa de lei delimitando teto de gastos”, colocou Lula.

A Emenda Constitucional do Teto de Gastos, instituída durante o governo Temer, logo após o golpe contra Dilma, prevê um novo regi-

me fiscal que limita o investimento do Estado em despesas primárias. Em outras palavras, impõe um congelamento nos investimentos públicos em áreas primordiais, como a saúde e a educação. Nesse sentido, Lula está absolutamente correto em sua caracterização. Trata-se de um aparato legal feito para beneficiar os grandes capitalistas.

LEIA NA PÁGINA A2

Ilusões

O fantasioso Chile de Emir Sader

Um país paradisíaco, com flores espalhadas por toda a parte, sorrisos estampando o rosto de hêteros, homossexuais, transexuais, pansexuais, bissexuais etc., arco-íris sobre índios dançando e cantando músicas ancestrais, pássaros voando e entregando mensagens de amor. Esse é o Chile pintado por Emir Sader.

LEIA NA PÁGINA B2

Alckmin pensa como a burguesia

Alckmin cospe na cara dos sindicatos e CUT precisa combatê-lo

Em agenda com centrais sindicais CUT, UGT e Força Sindical (23/08), Geraldo Alckmin (PSB) propôs austeridade, melhora do ambiente econômico para que os investimentos privados sobressaíssem, além de poucas alterações na reforma trabalhista do governo Michel Temer (MDB). O discurso do ex-governador, con-

trário à classe trabalhadora, causou indignação, e alguns disseram ter dúvidas sobre um governo Lula-Alckmin diante das visões conflitantes dos dois. Lula defende a retomada dos investimentos públicos como alavanca do crescimento econômico.

LEIA NA PÁGINA B1



Lula e Alckmin sentados juntos num comício em São Paulo, porém olhando para lados opostos. – Foto: Reprodução

EDITORIAIS



Lula está certo sobre teto de gastos: serve apenas aos banqueiros

Na última segunda-feira (22), o **ex-presidente Lula**, agora **candidato** à presidência pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em uma entrevista à **imprensa burguesa**, criticou o teto de gastos. Segundo o petista, se trata de uma “coisa para garantir interesse do sistema financeiro e dos credores”. “O governo sério sabe que não pode gastar mais do que tem. Se tiver que gastar, fazer dívida, tem que ser para construir novos ativos que possam fazer o país crescer. Ele não pode fazer dívida para custeio, porque aí será sem fim [...] O governo que tem responsabilidade não precisa de lei delimitando teto de gastos”, colocou Lula.

A Emenda Constitucional do Teto de Gastos, instituída durante o governo Temer, logo após o golpe contra Dilma, prevê um novo regime fiscal que limita o investimento do Estado em despesas primárias. Em outras palavras, impõe um congelamento nos investimentos públicos em áreas primordiais, como a saúde e a educação.

Nesse sentido, Lula está absolutamente cor-

reto em sua caracterização. Trata-se de um aparato legal feito para beneficiar os grandes capitalistas, já que, ao invés do capital do Estado ser injetado na economia brasileira, é destinado aos bolsos da burguesia. Foi o que ocorreu, por exemplo, no começo da pandemia, quando o governo Bolsonaro-Guedes entregou *1 trilhão* de reais aos bancos para “salvá-los” da crise que se intensificava naquele momento.

Tal Emenda foi feita justamente após o golpe de Estado no País. Aliás, em conjunto com os duros ataques do governo Temer ao povo brasileiro: a reforma da previdência, a reforma trabalhista, a privatização de uma série de empresas públicas etc.

Apesar do histórico de Lula no que diz respeito à realização de reformas extremamente moderadas, sua campanha, neste momento, toma um caráter profundamente progressista. Não é à toa que Ricardo Lacerda, sócio do banco de investimento BR Partners, afirmou, em entrevista ao *Estadão*, que “O Lula de hoje é o pior dos últimos 40 anos”, fazendo referência ao esquerdismo

de sua candidatura.

De qualquer maneira, sua candidatura deve ser empurrada cada vez mais à esquerda para que suas declarações se transformem em medidas concretas, e não se restrinjam à bravatas. Finalmente, ele é o principal representante da luta da classe operária brasileira contra o golpe de Estado que, fundamentalmente, serve para que o imperialismo possa aplicar a sua política neoliberal no Brasil.

Por isso é que o imperialismo não quer Lula de volta no poder e, principalmente agora, com a aproximação das eleições, o ataca por vários lados. É completamente diferente de figuras como Boric, Petro, Boulos e Haddad que, na realidade, apoiam a política econômica imperialista contra os trabalhadores.

Logo, todas as figuras reacionárias que cercam Lula devem ser dispensadas, pois são, no final, amigas dos banqueiros e apoiadores do próprio Teto de Gastos. O caso mais gritante disso sendo, por certo, Alckmin, um ferrenho apoiador do golpe no Brasil que se infiltrou na campanha de Lula como uma raposa no galinheiro.

BLOGS E COLUNAS



Afonso Teixeira Crime em Moscou

Dária Dúgina, jornalista nacionalista russa, foi assassinada no dia 20 de agosto depois que um artefato explosivo destruiu o veículo em que ela se encontrava, nos arredores de Moscou.

O principal suspeito do assassinato é uma ativista neonazista ucraniana chamada Natália Vovk.

Vovk deixou a Ucrânia, junto com a filha, usando passaportes da República de Doniétski. Chegou a Moscou no dia 23 de julho e mudou a placa do automóvel por uma placa do Cazaquistão, república com a qual a Rússia tem boas relações.

Natália Vovk havia alugado um apartamento no mesmo edifício em que Dária Dúgina residia, provavelmente para obter informações sobre a rotina da jornalista.

As câmeras de vigilância do edifício mostram que Vovk, quando ali chegou, tinha cabelos louros; quando saiu, os cabelos estavam pintados de preto.

Logo após o assassinato, Vovk dirigiu-se para a fronteira com a Estônia, usando uma placa ucraniana em seu veículo.

Algumas dúvidas pairam em rela-

ção a esse crime.

Primeiro: se o alvo do atentado era realmente Dária ou seu pai, Alexandr Dúgin;

Segundo: se Natália Vovk agiu a soldo do Batalhão de Azov ou a soldo do governo ucraniano;

Terceiro: se houve participação de outro Estado no crime. No entanto, as autoridades russas não divulgaram, até agora, essa suspeita.

Sabe-se que Dária, o pai e a própria Natália estiveram presentes a um festival nacionalista que ocorreu no dia do atentado. É provável que foi durante a festival que a bomba foi acoplada na parte de baixo do veículo, na direção do banco do motorista. No entanto, o veículo pertencia ao pai e não à filha e Alexandr deveria estar no veículo, mas resolveu mudar na última hora, o que nos dá um forte indício de que o alvo era o pai.

Uma foto antiga, publicada nas redes sociais, mostra Natália vestida com um uniforme do Batalhão de Azov, grupo paramilitar que participa na guerra contra a Rússia a soldo de Quieve; ou seja, não se trata mais de um grupo paramilitar, mas de um exército oficial da Ucrânia. O grupo é reconhecidamente neonazista. Apenas agora, a imprensa europeia vem negando esse fato, um fato que ela própria identificou no passado.

No entanto, um grupo ultranacionalista denominado Exército Nacional Republicano reivindica o atentado que teria como alvos o pai e a filha e que Natália teve apenas um papel secundário nisso, que consistiu em infiltrar agentes do grupo. Esse grupo consistiria numa rede de células espalhadas pelo Estado russo com o propósito de desestabilizar o governo.

Ainda que essa explicação seja plausível, não há indícios fortes de que seja verdadeira.

Devido à arquitetura do crime, que demandou uma complexa atividade de preparação e de execução, existe a possibilidade — igualmente plausível, mas à qual o governo russo não faz menção, provavelmente devido a questões diplomáticas — de que o atentado contou com a participação de agências de investigação estrangeiras, não ligadas diretamente à Ucrânia.

Pode ter sido obra direta ou mesmo indireta do serviço secreto britânico, MI6, visto que o ocorrido tenha as pegadas dele. É possível que também tenha sido o MI6, dessa vez diretamente, a implantar os explosivos que destruiu diversas aeronaves em um aeródromo na Crimeia, recentemente.

Tenha sido assim ou não, o fato é que o Reino Unido não assumiria,



Peritos investigando na cena do crime. – Foto: Sputnik / Comitê de Investigação da Rússia

a Rússia não alardaria até que tivesse provas concretas e a Ucrânia quer eximir-se, mas ao mesmo tempo, deixar no ar que, se não foi ela, pelo menos tem capacidade de fazê-lo.

Mas, nessa altura do campeonato, fazer cócegas no adversário não é uma boa tática.

O fato é que esta nacionalista ucraniana, Natália Vovk, enquanto viver não terá paz; não atravessará uma rua antes de olhar dos lados, não se sentirá segura em nenhum lugar público do mundo e tomará cuidado ao comer e ao tomar banho.

* As opiniões dos colunistas não refletem, necessariamente, as deste *Diário*.

ESCOLHA DOS EDITORES

Roubo de bicicleta

Justiça quer impedir candidato indígena de disputar governo do MS

Para a procuradoria eleitoral do Mato Grosso do Sul, índio não pode concorrer, mas o candidato Riedel, latifundiário e organizador da pistolagem contra índios, pode



Magno Souza durante o Congresso do PCO. – Foto: Reprodução

Nesta semana, a Procuradoria Regional Eleitoral do estado do Mato Grosso do Sul, a PRE, ingressou com pedido de cassação da candidatura do único candidato indígena do Brasil a um governo de estado, o índio Guarani Magno Souza. Segundo os argumentos da Justiça Eleitoral, a motivação seria uma condenação contra Magno por supostamente ter furtado uma bicicleta há dez anos atrás. Toda essa clara perseguição apesar de sua certidão criminal estar completamente limpa e de acordo com as regras eleitorais do próprio TSE. Essa tentativa de impugnação da PRE do Mato Grosso do Sul é uma clara perseguição ao índio Magno Souza devido a sua candidatura para denunciar a situação dos indígenas no estado e das atrocidades cometidas pelo governo do Estado nas mãos de Reinaldo Azambuja, do PSDB, apoiado pela senadora e candidata a presidência pela terceira via Simone Tebet. A candidatura de Magno Souza estava tendo uma grande aceitação entre os indígenas e evidenciando os massacres realizados

por latifundiários. O Estado do Mato Grosso do Sul é a segunda maior população indígena do Brasil e essa população está em situação precária causada não por governos bolsonaristas, mas dos “democráticos” do centrão e da terceira via, como o PSDB. Segundo os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI/MS), o estado do Mato Grosso do Sul, conta com uma população indígena de 80.459 habitantes, a segunda maior população indígena do país. Também possui a maior concentração de índios dentro de uma reserva do país, a reserva de Dourados, no município de mesmo nome com cerca de 12 mil cidadãos de três etnias convivendo em uma área de apenas 3,5 mil hectares. Não por acaso no mesmo município que o candidato do PCO nasceu, cresceu e vive atualmente dentro de uma retomada constantemente ameaçada. Esses dados demonstram que a situação dos povos indígenas no estado é explosiva e a candidatura denunciando abertamente essa situação incomoda os latifundiários e grileiros de terra que dominam o estado, incluindo os candidatos do PSDB e da

presidenciável da Rede Globo e do TSE, Simone Tebet. Revelando que essa terceira via não possui nada de democrática e é potencialmente muito pior que Bolsonaro nos ataques aos povos indígenas. Magno Souza é uma liderança da retomada Araticuty, no município de Dourados e ajudou a formar o comitê de luta Guarani-Kaiowá de Dourados para organizar os indígenas diante dos ataques dos pistoleiros e da Polícia. Ou seja, não é um índio ligado a empresários locais e a imprensa golpista que apenas fica apresentado pautas ligadas a classe média, como questões ambientais, mas apresenta pautas de organização e luta dos indígenas contra os latifundiários. Demonstrando que a situação dos índios, ao contrário da versão apresentada pela bancada do “cocar” do PSOL, é de extrema miséria. Conforme sua campanha avança, o apoio entre os indígenas do estado está aumentando, juntamente com o apoio da população. Já a justiça eleitoral se cala diante do candidato oficial do atual governador fascista Reinaldo Azambuja do PSDB e da apoiadora do governo, a presidenciável

Simone Tebet, Eduardo Riedel. Eduardo Riedel é um latifundiário e grileiro do estado, ex-presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de MS (FAMASUL), entidade que organiza o latifúndio e os ataques a luta pela terra na região. Quando presidente da FAMA-SUL, Riedel organizou o chamado “Leilão da Resistencia”. Esse leilão tinha como objetivo arrecadar recursos para contratar pistoleiros através de empresas de “segurança” para atacar os índios e sem terra do estado. Essa ação do Leilão da Resistencia para a contratação de pistoleiros foi tão absurda que a própria justiça tentou impedir de maneira acanhada devido a contratação de pistoleiros de maneira aberta. Ou seja, para a justiça eleitoral do Mato Grosso do Sul, pistoleiro e assassino do índios pode concorrer tranquilamente, já um índio Guarani tem que apanhar quieto. O que está por trás dessa tentativa de impugnação é uma clara perseguição política contra um indígena que está denunciando os ataques do governo Estadual do PSDB, de Reinaldo Azambuja, e da senadora Simone Tebet contra os indígenas e revelando a faceta fascista destes dois candidatos. É preciso denunciar amplamente essa tentativa de calar mais uma vez o PCO e da única candidatura indígena a governo do estado do Brasil.



CORRENTE SINDICAL NACIONAL CAUSA OPERÁRIA

CONTATOS:
(11) 98344-0068
(11) 996617-6178
(11) 98567-5847

ELEIÇÕES

Candidata ao governo

"Pela 1ª vez os revolucionários disputam eleições no Tocantins"

Carmen Hannud, candidata do PCO ao governo de Tocantins, concede entrevista exclusiva ao DCO após ser perseguida e demitida de seu emprego

Em mais um episódio da **série de entrevistas** relativas às **eleições de 2022**, o *Diário Causa Operária* entrevistou Carmen Hannud, candidata ao Governo de Tocantins pelo **Partido da Causa Operária** (PCO). Natural de São Paulo, Carmen foi demitida de seu emprego como professora universitária após o anúncio de sua candidatura e nos conta um pouco sobre essa situação.

Diário Causa Operária: conte-nos um pouco sobre sua história, Carmen. Tanto pessoal, quanto política e profissional.

Carmen Hannud: me chamo Carmen Hannud, nasci em 1991 em São Paulo capital. Fiz faculdade em Bauru, na Unesp, de psicologia e, depois, fui fazer um mestrado, também na UNESP, em ciências sociais.

Em São Paulo, durante a faculdade, me envolvi tanto com o movimento estudantil, quanto no movimento indigenista ali na região de Bauru. No movimento estudantil, construí o Centro Acadêmico de Psicologia, sofri perseguição política em decorrência de uma mobilização que fizemos, em meados de 2010. Participei do movimento estudantil estadual de psicologia, o Corep (Conselho Regional de Estudantes de Psicologia).

Depois, no mestrado, continuei participando da pauta indígena e me envolvi com a APG, que é a Associação de Pós-Graduandos, um movimento estudantil da pós-graduação. Antes de ir para Araraquara, comecei a me envolver com um coletivo voltado para questões de cidadania.

Terminei o mestrado em 2016 e, antes disso, prestei um processo seletivo para trabalhar no Cimi, que é o Conselho Indigenista Missionário, uma entidade da Igreja Católica voltada para os direitos humanos dos povos indígenas, e não para a evangelização.

Fiquei no Cimi até 2017, antes de entrar no Crepop, o Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas, que é um órgão do conselho de psicologia voltado para produção de conhecimento sobre políticas públicas. Nós fazemos pesquisas, eventos para trazer debates novos para a categoria, participamos do controle social das políticas públicas, dialogamos com os movimentos sociais e por aí vai. Também faço doutorado em psicologia em uma faculdade no Pará.



Candidatos do PCO são perseguidos pelo regime burguês. - Foto: Reprodução

Nesse momento, comecei a me envolver com o movimento de moradia, mas ainda de maneira mais incipiente. Participava de atividades, dei algumas oficinas voltadas para educação popular etc. No final de 2017, prestei a seleção para dar aula e vim aqui para Araguaína trabalhar na Faculdade Católica Dom Orione no curso de psicologia.

Na faculdade, me sindicalizei, mas não disputei o sindicato, pois a questão de montar chapa é bem difícil no que diz respeito à oposição. Continuei no movimento indigenista e na Direção do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN). Além disso, montamos o Tribuna do Movimento, que é o jornal do movimento de moradia,

com o qual eu contribuo.

Lá para 2020, com a pandemia, começamos a intensificar a nossa atuação com populações em situação de rua. Foi quando eu sofri perseguição política: o município pediu a minha cabeça para a faculdade.

No começo deste ano, vim para o PCO, onde decidimos me lançar como candidata ao governo. Então, fui imediatamente demitida e, agora, estou desempregada, mas sigo militando.

DCO: depois disso, da sua demissão, seus alunos se manifestaram, certo?

CH: quando fui demitida, os alunos fizeram uma mobilização não só pela minha demissão, mas por outras, pelo mesmo processo de precarização. Fizeram uma reunião entre eles, uma assembleia, fizeram reuniões com a direção e fizeram dois atos. Uma das reivindicações era justamente a minha volta. Parece que, inclusive, existem matérias, que eu estava ministrando, que até agora estão sem professores.

Nesse sentido, a juventude é muito importante não só para a minha candidatura em si – quando falo minha, digo para o Partido –, mas para a própria revolução. Uma das nossas pautas é a universidade pública para todos: pública, gratuita e de qualidade. Eu mesma falava so-

bre isso em sala de aula, uma universidade particular, indagando os alunos do porquê eles tinham que estar em uma universidade privada enquanto outros tinham que acessar a pública.

Então essa questão do livre ingresso às universidades, estando em nosso programa, é muito importante que seja pensada e construída com a força da juventude juntos.

DCO: em relação a essa questão da juventude, o seu vice foi barrado de concorrer justamente pela sua idade. O que você tem a dizer sobre isso?

CH: meu vice é jovem. Entendendo, inclusive, o potencial revolucionário da juventude, entendemos que a idade mínima para todos os cargos tem que ser 18 anos. Então, realmente, é algo bastante antidemocrático dentro da justiça eleitoral e o que podemos falar sobre isso é que teremos que trocar o vice, mas que defendemos essa idade mínima para todos os cargos, inclusive os majoritários.

DCO: e a esquerda no Tocantins? Porque a sua candidatura se destaca dentre todas as outras?

CH: eu acho que a minha candidatura em Tocantins se destaca, em primeiro lugar, porque é a primeira vez que o PCO lança candidato a governo aqui no Tocantins. Sendo o PCO o único partido revolucionário do Brasil hoje, é a primeira vez que temos um partido revolucionário disputando o seu programa, colocando o seu programa na rua aqui no estado.

Então diria que o principal destaque é esse. Estamos ocupando a tribuna não para almejar um cargo, mas para divulgar o nosso programa em um momento em que o País, e o próprio PCO, está sendo extremamente atacado, censurado e perseguido. Numa eleição histórica, no sentido de que estamos tentando combater o golpe desde 2016 e o País está essa barbárie toda que temos acompanhado e vivido.

Então, é uma candidatura histórica porque estamos tentando fazer toda essa mobilização aqui no estado em um contexto histórico bastante específico. Me sinto muito honrada de poder estar participando disso, é algo que está fazendo muito sentido pra mim, depósito muita fé nesse processo, nesse trabalho.

Nunca havia saído candidata, tenho muito a aprender, mas acho que, mesmo assim, é uma contribuição muito importante para a luta, como um todo, e para o próprio PCO.



Política

Alckmin pensa como a burguesia

Alckmin cospe na cara dos sindicatos e CUT precisa combatê-lo

Alckmin vai ser um constante atraso no governo Lula, atuando direta e indiretamente contra a classe trabalhadora

Em agenda com centrais sindicais CUT, UGT e Força Sindical (23/08), Geraldo Alckmin (PSB) propôs austeridade, melhora do ambiente econômico para que os investimentos privados sobressaíam, além de poucas alterações na reforma trabalhista do governo Michel Temer (MDB).

O discurso do ex-governador, contrário à classe trabalhadora, causou indignação, e alguns disseram ter dúvidas sobre um governo Lula-Alckmin diante das visões conflitantes dos dois. Lula defende a retomada dos investimentos públicos como alavanca do crescimento econômico. “Eu não defendo um Estado empresário, eu defendo um Estado indutor”, disse o petista, em discurso na Confederação Nacional do Transporte (CNT). Só houve convergência entre as centrais e o vice do ex-presidente Lula no que diz respeito ao interior de São Paulo ser uma prioridade eleitoral, pois várias centrais sindicais do interior são dominadas por elementos de direita que se opõem à candidatura do PT, foram colocados na liderança dos sindicatos para desmobilizar a unidade dos sindicatos e enfraquecer a mobilização dos trabalhadores, o que foi resultante da interferência da burguesia nas centrais sindicais durante a ditadura militar, o que permanece até hoje, tamanho o medo que a burguesia tem da força resultante da mobilização dos trabalhadores, que resultou na derrubada da ditadura militar. Já houve acerto para que Alckmin compareça a duas agendas das centrais UGT e Força Sindical. O pessebista disse que viajará para 12 estados até as eleições e que Lula irá para 15.

Já na campanha se nota a intervenção da burguesia na manipulação das centrais sindicais trabalhistas, as lideranças sindicais cooptadas pela burguesia há anos em algumas regiões de São Paulo tentam se impor aos trabalhadores e à candidatura do ex-presidente Lula que iria beneficiar mais os trabalhadores em relação a terem parte dos seus direitos atendidos pelo menos minimamente.

O Partido da Causa Operária, PCO, ressaltou diversas vezes em análises políticas semanais realizadas todos os sábados às 16 horas em seu canal do YouTube,



Lula e Alckmin sentados juntos num comício em São Paulo, porém olhando para lados opostos. – Foto: Reprodução

COTV Causa Operária TV (Canal Reserva), que o petista tem que reconhecer na força das massas trabalhadoras, além de uma arma eficaz para viabilizar seu mandato caso vença as eleições, mas também, e principalmente, devido à sanha da burguesia nacional em atender os interesses da burguesia financeira estadunidense que não quer um novo governo do petista, o PT deve reconhecer que a candidatura de Lula precisa de um só apoio, o apoio das massas dos trabalhadores nas ruas, como a única garantia para se eleger, porém há uma certa insistência por parte de setores do PT em atender às imposições colocadas pela burguesia nos sindicatos. A maneira de combater essa intervenção da burguesia seria a promoção de eventos que tivessem a participação direta dos trabalhadores dessas regiões, comícios em locais públicos, e não insistir em obter apoio das lideranças sindicais direitistas.

Porém o PT insiste em querer atender à burguesia, como se isso lhe garantisse apoio destes setores da burguesia ou ainda que estes setores da burguesia que estão manipulando os sindicatos iriam obter apoio dos trabalhadores destes sindicatos. Pelo contrário, não há nenhu-

ma garantia em se obter alguma vantagem colocando um personagem direitista e inimigo da classe trabalhadora como Alckmin, a presença de um elemento como esse na chapa é mais certo de se obter uma perda de apoio popular do que um ganho, mais certo de resultar em perda de votos que em ganhos de votos. Enfim, a presença de um elemento que atacou ferozmente a classe trabalhadora como se ele fosse um aliado soa muito mal para um candidato que representa a esquerda, soa como uma implosão consentida na candidatura, é uma falha muito grave de setores do PT não enxergarem a intervenção direta do imperialismo no próprio PT. O investimento do imperialismo em desmembrar o PT está em andamento, a saída de lideranças do PT que resultaram na formação do PSOL que é abertamente um partido montado para combater o PT é prova disso.

O PCO, embora consciente de que Alckmin é mais prejudicial à candidatura de Lula do que uma ajuda, convoca toda a esquerda a apoiar a candidatura do petista, como a única maneira de combater a intervenção do imperialismo na política brasileira, pois a eleição do petista significaria a derrota da trama imperialista

que resultou no impeachment da presidenta Dilma Roussef e na eleição de Bolsonaro. Seria mais democrático se a eleição do candidato a presidente fosse por um voto e a eleição do vice por outro voto. O vice deveria ser eleito pelo povo para ser uma eleição verdadeiramente democrática. Porém algumas intervenções da burguesia só vão ser completamente rechaçadas com a presença massiva da classe trabalhadora em manifestações nas ruas. O PCO também alerta para a possibilidade de um plano da burguesia no sentido de colocar Alckmin como vice para uma possível retirada de Lula do cargo com alguma artimanha político jurídica, como foi denunciado pelo DCO na **Argentina** e no **Paquistão**, o que representaria uma situação devastadoramente desmoralizante para o PT e toda a esquerda nacional e seria, ainda, um grave problema para a classe trabalhadora, pois o político Alckmin é um velho conhecido e inimigo da classe trabalhadora. Porém o PCO tem avisado à esquerda diversas vezes para ficar alerta às tramas da burguesia na esperança da esquerda dar ênfase à mobilização popular que é a única força capaz de derrotar a burguesia imperialista.

POLÊMICA

Ilusões

O fantasioso Chile de Emir Sader

A posse de Boric e a instalação da "Constituinte" por si só teriam transformado o Chile em um Paraíso na Terra

Um país paradisíaco, com flores espalhadas por toda a parte, sorrisos estampando o rosto de héteros, homossexuais, transexuais, pansexuais, bissexuais etc., arco-íris sobre índios dançando e cantando músicas ancestrais, pássaros voando e entregando mensagens de amor. **Esse é o Chile** pintado por Emir Sader.

Em artigo batizado de “Chile, entre o passado e o presente” e publicado no *Brasil 247*, o intelectual petista louva o presidente **Gabriel Boric** e a “Assembleia Constituinte”, que estariam **levando o Chile** por um caminho altamente progressista, inverso ao que o país tomou desde o golpe de 1973 contra Salvador Allende.

“A vitória de Boric representou a virada política mais importante do Chile desde o governo de Salvador Allende”, opina o colunista. Prova disso seria a composição de seu governo e a nova constituição elaborada pela Convenção Constituinte.

Sader, no entanto, apega-se a formalidades e recusa ver a realidade concreta. A aliança de Boric com os empresários chilenos e estrangeiros — incluindo com o governo dos EUA e seus órgãos de perseguição e repressão, como a CIA — é anterior à sua eleição. Esse compromisso com o imperialismo (de fato, Boric não é apenas um aliado, mas sim um funcionário do imperialismo) simplesmente obstrui qualquer possibilidade de progresso em um governo Boric.

Sua política é manter intacto o regime neoliberal, ao contrário do que pensa Sader. Apenas algumas pequenas reformulações para aliviar a pressão popular contra o saque dos bancos, mas sendo rígido nos gastos públicos e no pagamento integral da dívida externa. Com relação à repressão, a mesma ladainha da esquerda pequeno-burguesa brasileira sobre “desmilitarizar a polícia” havia sido aventada, de acordo com as características chilenas, o que significa não modificar em nada a sua estrutura — nem mesmo a sua desmilitarização. Tanto é que Boric colocou em postos-chave de seu governo — economia e segurança pública — pessoas de confiança da burguesia e do imperialismo, que têm inclusive ligações com a ditadura de Augusto Pinochet.

O articulista do *Brasil 247* tem a ilusão — vendida pela impren-



Gabriel Boric no País das Maravilhas. - Foto: Reprodução

sa burguesa — de que a política identitária configuraria algum tipo de medida popular que realmente beneficie o povo. E o discurso identitário de Boric e sua turma se mesclam com um pseudoreformismo barato e genérico, que são alçados a suprassumo do progresso por Emir Sader. O que, de fato, significa ser um “Estado plurinacional, intercultural, regional e ecológico” ou uma “igualdade substantiva dos seres humanos e sua relação indiscutível com a natureza”? Nem Sader, nem Boric, nem os constituintes explicam. Porque são coisas muito vagas. E isso é proposital, pois, através dessa lenga-lenga demagógica, o imperialismo pode impor uma política mais abertamente de submissão do Chile.

E a questão econômica, que é o fundamental? A propriedade dos grandes capitalistas internacionais segue intocada. Afinal, eles são aliados — ou melhor, empregadores — de Boric. Sader elogia o movimento que está sendo feito em torno à proposta de nova constituição como uma mobilização cívica que fez com que a possível nova carta magna seja o livro mais lido do país. Mas o caráter e conteúdo dessa política, Sader não diz, não tem nada de verdadeiramente progressista. Apenas demagogia com as mulheres, os índios e os gays e afins. Do que adianta ser um movimento que congrega uma parte da sociedade se ele não representa realmente os interesses da sociedade?

Antes de Boric se eleger, os inte-

resses da maioria da sociedade chilena estavam claros: o confisco das grandes propriedades capitalistas, o fim da polícia, a educação gratuita e para todos. Onde se encontram essas medidas na proposta de nova constituição? Em lugar nenhum. Porque o governo Boric é exatamente isto: um balde de água fria nas reivindicações populares. Em 2019, os chilenos efetuaram uma verdadeira insurreição popular de características revolucionárias, que incendiaram prédios de grandes multinacionais (como a Enel) e invadiram delegacias de polícia. A ideia de “Assembleia Constituinte” surgiu não como uma expressão da vontade popular, mas sim como uma manobra da burguesia e do imperialismo (com o apoio da esquerda) para desviar a indignação do povo para as instituições — controladas pela claqué pinochetista de Sebastián Piñera.

A esquerda — do Partido Comunista ao Partido Socialista e a Gabriel Boric — fez campanha para que o povo saísse das ruas e apostasse nas instituições. Seria por meio delas que o povo conseguiria mudar o país. Resultado: o povo estava prestes a derrubar o governo e toda a estrutura herdada do pinochetismo, mas quase foi eleito um fascista abertamente admirador da ditadura militar de 1973 a 1990 (Antonio Kast). A esquerda, mancomunada com o imperialismo, utilizou Kast como espantalho para obrigar os eleitores a votarem em Boric, cujas

propostas não tinham nenhuma relação com as verdadeiras reivindicações dos manifestantes. E a “Constituinte” foi um golpe do mesmo nível. Tanto é que existe a possibilidade de ser rejeitada em plebiscito no próximo dia 4, por forte oposição da direita, que teve a oportunidade de se reorganizar após quase ser pulverizada pela mobilização das massas. Foi isto o que fez a campanha em torno de Boric e da “Constituinte”: resgatar as forças mais obscuras e retrógradas do Chile do abismo ao qual estavam sendo jogadas pelo povo.

Emir Sader quer ver nisso algo de progressista. Porque acredita que o Brasil poderá seguir pelo mesmo caminho, caso Lula seja eleito. A tática da frente ampla é a mesma em todo o lugar: colocar as organizações e o movimento popular a reboque da direita, da burguesia e do imperialismo. Foi isso o que vimos no Chile e é isso o que alguns setores da esquerda querem ver no Brasil. E disseminam a ideia de que isso seria uma grande mudança, um grande progresso, uma verdadeira transformação social. Alckmin, Márcio França, FHC, Globo, todos estariam juntos conosco, assim como seus correspondentes chilenos estão com a esquerda chilena. Mas a esquerda chilena traiu o povo e passou para o lado do inimigo. O problema é que no Brasil o povo não vai aceitar calado. Nem por um lado, nem por outro, isso é viável no Brasil. Sequer está sendo viável no Chile.

INTERNACIONAL

Star Coffee

Nada de Starbucks nem McDonald's: Rússia nacionaliza sabotadores

Nacionalização do Starbucks e do McDonald's demonstra como é fácil expropriar empresas e entregá-las nas mãos dos trabalhadores



O Star Coffee, substituto do Starbucks. – Foto: AFP

Na semana passada foi inaugurado o Stars Coffee, marca substituta do Starbucks na Rússia, uma das marcas americanas que saiu do país devido à guerra na Ucrânia. Com o início da guerra, em fevereiro deste ano, diversas empresas ligadas a países imperialistas começaram a deixar a Rússia em forma de “protesto”, ou seja, elaborando uma demagogia contra o país de acordo com a propaganda que a burguesia faz sobre este, acusando a Rússia de violação de direitos humanos, não cumprimento de direitos da população, manipulação da imprensa, etc. — tudo aquilo que é feito pelo imperialismo. A intenção era asfixiar a Rússia economicamente. O Starbucks, a maior empresa de cafeterias do mundo, foi uma das que decidiram sair. Com isso, a Rússia acertadamente decidiu nacionalizar as filiais da empresa no país, criando suas próprias variações destas, como o Stars Coffee. No final de julho, o rapper russo Timati e o empresário Anton Pinski adquiriram 130 unidades da empresa e começaram a mudança: “Por quê STARS? A nova marca reúne as estrelas da indústria gastronômica”, afirmaram os dois em um comunicado da rede de cafeterias. Fazem aproximadamente dois

meses que o mesmo aconteceu com o McDonald's — após a empresa sair do país, empresários russos compraram a marca na região e a remodelaram, transformando-a em outra marca, porém sem fundamentalmente ter mudado quase nada — ela foi nomeada como *Vkusno & Tochka*. Apesar de tentar fazer uma propaganda negativa do *Vkusno & Tochka* no início, a imprensa burguesa apenas eventualmente parou de falar sobre, considerando que a empresa não foi um fracasso assim como eles diziam que ia ser. O sucesso da ação feita pelo governo russo, na realidade, foi tanto, que o mesmo aconteceu com o Starbucks. Tanto o Star Coffee quanto o *Vkusno & Tochka* são empresas nacionalizadas, empresas russas que tomaram o lugar dos monopólios norte-americanos que, por sua vez, boicotavam e sabotavam o país por dentro. Ainda podemos contestar pelo fato de serem empresas privadas, entretanto, é importante ressaltar que, apesar de privadas, essas não são empresas estrangeiras, e portanto o dinheiro gerado por elas fica na Rússia, não indo parar em um país imperialista qualquer que explora o mundo todo de todas as maneiras possíveis, inclusive com a inserção dessas empresas.

O mais interessante disso tudo é que, fundamentalmente, nada que influencia na preferência do consumidor mudou. A comida, as bebidas, a infraestrutura, os funcionários — tudo é igual. As únicas diferenças, e que, no final das contas, são diferenças fundamentais, são que as logomarcas mudaram e que a propriedade não é mais dos norte-americanos. No caso do Stars Coffee, a logo verde e branca mudou para castanho e a sereia norte-americana se transformou em uma russa utilizando o *kokochnik*, chapéu tradicional do país. Os ingredientes para os lanches e cafés agora também serão locais, o que apresenta mais uma vantagem para a economia do país. Não só foi fácil reorganizar o trabalho após a saída das empresas e a reconstrução das marcas, como foi inclusive um avanço, com o *Vkusno & Tochka*, por exemplo, batendo recorde de vendas no primeiro dia de abertura, com cerca de 120 mil lanches vendidos apenas neste dia. Essa acaba sendo mais uma prova da inutilidade dos patrões. Entra fulano, sai beltrano, e a empresa pode continuar a mesma, isso se ela efetivamente não melhorar, como aconteceu com os exemplos acima após a nacionalização russa.

Na realidade, a melhoria é a tendência. O Star Coffee e o *Vkusno & Tochka* são exemplos de como seria simples e fácil expropriar uma propriedade capitalista e, com a devida organização, entregá-la nas mãos dos trabalhadores, para que se possa organizar melhorias que são de interesse da população, sem a interferência de um patrão que só tem como objetivo o lucro, ainda mais se tratando de uma empresa estrangeira. Na época atual do imperialismo, os capitalistas estrangeiros dentro de países atrasados não passam de parasitas, servem apenas para saquear o país, não para levá-lo ao desenvolvimento. Quando se trata de uma empresa estrangeira, o lucro sai do país e vai para os bancos imperialistas, alimentando setores como a especulação financeira, responsável pela devastação da indústria e de amplos setores da economia principalmente dos países pobres. Além disso, eles se aproveitam para pagar salários baixíssimos e proporcionar péssimas condições de trabalho, a exemplo do vastamente conhecido caso do próprio McDonald's, que contrata e esmaga jovens sem experiência até não poder mais. A mão de obra em países pobres é mais barata do que no país de origem da empresa. A política que está sendo levada pelo governo russo é nacionalista, é uma política de substituição de exportações e promoção de seu mercado interno, buscando um relativo desenvolvimento e, de certa forma, o autossustento (na medida do possível) de seu próprio país frente às sanções imperialistas, que a obrigam a tomar essas atitudes mais radicais do que o comum. As empresas nacionais, por mais que privadas, estão a reboque da legislação de seu país, e, portanto, sob maior controle do governo e dos trabalhadores do que as multinacionais. Dito isso, precisamos defender a expropriação das empresas e o controle dos trabalhadores sobre elas, sejam fábricas de automóveis ou lanchonetes de *fast-food*. O fato da empresa ser nacional beneficia os trabalhadores no sentido de exigência de direitos e de controle, sendo um passo a mais para que ela seja controlada pelo povo e para que, no final das contas, tudo isso a ele sirva.

LOJA do PCO

**CONTRIBUA COM AS
CAMPANHAS
DE RUA E ADQUIRA
PRODUTOS NA:
LOJADOPCO.COM**